

AS REFLEXÕES SOBRE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO NA FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Luiz Cláudio da Silva Velasco (ISEPAM)

luizvelasco36800@gmail.com

Amaro Sebastião de Souza Quintino (UENF)

amarotiao@yahoo.com.br

Aline Vilaça Peixoto Dias (UENF)

alinepeixoto12@hotmail.com

Jackeline Barcelos Corrêa (UENF)

jack.barcelos1@hotmail.com

RESUMO

O presente estudo busca abordar conceitos sobre alfabetização e letramento com o objetivo de elucidar suas diferenças. O trabalho de pesquisa busca abordar conceitos relevantes na formação pedagógica, para que os professores e os futuros pedagogos possam consultar, esclarecer e estudar sobre alfabetização e letramento. A metodologia da pesquisa teve como base as fontes dos estudos dos documentos legais que amparam a educação brasileira, concomitante aos teóricos: Soares (2014), Freire (1976), Marchuski (2010), Tfouni (2006), entre outros. Tal estudo aponta para o desconhecimento dos futuros professores diante da temática, que é de suma importância para a prática pedagógica. Sendo assim, os autores apresentam seus apontamentos de forma clara e objetiva para auxiliar os entendimentos dos futuros alfabetizadores. Tanto a alfabetização quanto o letramento são processos contínuos, que devem ser compreendidos pela equipe pedagógica para que se realize um trabalho consciente entre quem estuda e quem aprende.

Palavras-chave:

Alfabetização. Letramento. Formação pedagógica.

ABSTRACT

This study seeks to address concepts of literacy and literacy with the aim of elucidating their differences. The research work seeks to address relevant concepts in pedagogical training, so that teachers and future educators can consult, clarify and study literacy and literacy. The research methodology was based on the sources of studies of legal documents that support Brazilian education, concomitant with theorists: Soares (2014), Freire (1976), Marchuski (2010), Tfouni (2006), among others. Such a study points to the lack of knowledge of future teachers regarding the theme, which is of paramount importance for pedagogical practice. Thus, the authors present their notes in a clear and objective way to assist the understandings of future literacy teachers. Both literacy and literacy are continuous processes, which must be understood by the pedagogical team in order to carry out a conscious work between those who study and those who learn.

Keywords:

Literacy. Literacy. Pedagogical training.

1. Introdução

A aprendizagem é um processo contínuo de construção e superação. É fundamental ao pedagogo conhecer a bagagem de todos os envolvidos na questão do ensinar/aprender, e como cada sujeito se constrói, de forma a compreender suas estruturas mentais e seu modo de reflexão, buscando evoluir do mais simples para elaborações superiores. Esta construção de conhecimento implica numa inter-relação entre sujeitos, para que, num espaço de confiança, juntos possam recriar o conhecimento.

A relevância do problema em questão e a justificativa deste estudo incide apontar para a necessidade de esclarecer e diferenciar os conceitos de letramento e alfabetização. O que suscitou o interesse em escolher como objeto de estudo a Alfabetização e o letramento foi a percepção que durante a formação pedagógica é de suma importância que os futuros professores compreendam essa diferença.

O objetivo geral deste trabalho é diferenciar a alfabetização do letramento sob a luz de diferentes autores. Os objetivos específicos são: sistematizar a abordagem da literatura e problematizar se os futuros professores das séries iniciais compreendem esses conceitos citados. Os futuros professores sabem qual a diferença de alfabetização e letramento?

A metodologia de pesquisa teve como base um levantamento bibliográfico e documental sobre a temática. Do ponto de vista da natureza, a pesquisa em questão é buscar aumentar o conhecimento acadêmico na área. Quanto ao ponto de vista da abordagem do problema, a investigação é predominantemente qualitativa, porque depende da interpretação de fenômenos e seus significados, sendo a ferramenta principal o pesquisador que trabalha com conceitos e princípios.

Da perspectiva dos objetivos, a pesquisa é descritiva, pois retrata a realidade do tema alfabetização e letramento. No que diz respeito ao método, utiliza-se o hipotético-dedutivo que consiste na construção de conjecturas baseadas nas hipóteses e, em relação aos procedimentos, faz-se o uso da pesquisa bibliográfica e documental, na qual será utilizada a técnica de observação em conjunto. (GIL, 1999; KAUARK; MANHÃES; MEDEIROS, 2010).

Trata-se de uma pesquisa qualitativa, em que serão utilizados materiais de publicações de mídia impressa e veiculadas em sites como *SciELO*, *Scopus* e *Google Acadêmico*.

No primeiro momento o foco do trabalho será embasado por alguns conceitos diferentes teóricos sob diferentes perspectivas e diferentes reflexões dos autores.

No segundo momento pretende-se esclarecer as diferenças entre os conceitos sob a luz dos especialistas na área de alfabetização e letramento na Educação de Jovens e adultos e logo em seguida as devidas considerações e as referências.

2. Conceitos sobre alfabetização e letramento

Alfabetizar é um conjunto de aprendizado, e também é um processo político, que promove a cidadania, a autonomia, quando for praticada com lucidez, pois oferece perspicácia aos educandos de construírem seus conceitos num contexto mais amplo, sendo esse analisado e *apreendido* pela complexidade das interações múltiplas que os ambientes, as pessoas e os objetos implicam.

Soares (2016, p. 16) afirma que “podemos entender por métodos de alfabetização um conjunto de procedimentos que, fundamentados em teorias e princípios, oriente, a aprendizagem inicial da leitura e da escrita”. Por isso, é importante reforçar que a alfabetização é um processo complexo ligado à construção do conhecimento. Atualmente, este conceito está sofrendo muitas ramificações aliado a outras áreas do conhecimento, por exemplo: Alfabetização Musical, Alfabetização Matemática, Alfabetização em Informática, além da sua origem que era para designar a aquisição da leitura e da escrita formal.

Nas considerações de Santos (2007):

Entende-se o quanto é essencial um processo de alfabetização significativo, porém não é tarefa fácil, para obter sucesso no processo de alfabetização é necessário muito estudo e dedicação por parte do educador, método adequado à turma, e levar em consideração a individualidade dos alunos. A escola não é o único lugar de ensino, por esse motivo é importante trabalhar com diferentes gêneros textuais, pois as crianças estão constantemente em um ambiente letrado. (SANTOS, 2007, p. 98)

Utilizou-se a concepção de Soares, para identificar as características do ato de ler:

Dessa forma, ler entende-se desde a habilidade de simplesmente traduzir em sons sílabas isoladas, até habilidades de pensamento cognitivo e meta-cognitivo; inclui, entre outras habilidades, a habilidade de decodificar símbolos escritos; a habilidade de captar o sentido de um texto escrito; a

capacidade de interpretar sequência de ideias ou acontecimentos, analogias, comparações, linguagem figurada e relações complexas, anáforas; e ainda habilidade de fazer predições iniciais sobre o significado do texto, de construir o significado combinando conhecimentos prévios com informações do texto, de controlar a compreensão e modificar as predições iniciais, quando necessário, de refletir sobre a importância do que foi lido, tirando conclusões e fazendo avaliações. (SOARES, 2004, p. 31)

Entende-se que alfabetizar faz parte de um processo decodificador, porém como citado anteriormente é preciso ir além, é necessário ser um processo significativo de aprendizagem, de forma que todas as informações adquiridas devem ser assimiladas, interpretadas e utilizadas pelos indivíduos nas práticas sociais. Neste sentido, no processo de alfabetização é preciso compreender ter um olhar nas diversas habilidades, para utilizar a leitura e a escrita como condições fundamentais para a participação de todos os envolvidos.

Autores pontuam conceitos de alfabetização. De acordo com Val (2006):

[...] pode-se definir alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p. 19)

Já para Carvalho (2006):

[...] a alfabetização é um processo que, ainda que se inicie formalmente na escola, começa de fato, antes de a criança chegar à escola, através das diversas leituras que vai fazendo do mundo que a cerca, desde o momento em que nasce e, apesar de se consolidar nas quatro primeiras séries, continua pela vida afora. Este processo continua apesar da escola, fora da escola paralelamente à escola. (PEREZ, 2002, p. 66)

Atualmente, a alfabetização tem enfatizado mais a prática, envolvendo um processo de construção de conhecimentos, visando reconhecer os educandos como sujeitos autônomos, críticos na sociedade para serem sujeitos ativos, que possuam a competência contribuir e de transformar a sociedade, para que seja mais justa igualitária e cidadã.

Soares, (2004, p. 31), diz que alfabetizar letrando “é, portanto, oportunizar situações de aprendizagem da língua escrita nas quais o aprendiz tenha acesso aos textos (...) que seja levado a construir a compreensão acerca do funcionamento do sistema de escrita alfabético”.

Para atender essa demanda de manter relação mais eficaz com a sociedade, surgiu o letramento. O letramento é um termo recente que tem a intencionalidade de utilizar práticas de leitura e escrita com autonomia no contexto social. Há anos vem sendo discutido, por diversos autores, devido o fracasso enfrentado na escola nos anos iniciais, que formam alunos em muitas vezes, mal sabem ler e escrever, quanto mais interpretar e produzir textos, esses alunos são conhecidos como analfabetos funcionais.

Almeida (2014, p. 205) explica que:

O letramento “designa na ação educativa de desenvolver o uso de práticas sociais de leitura e escrita, inicia-se um processo amplo que torna o indivíduo capaz de utilizar a escrita em diversas situações sociais”. Novamente reforçando o uso no contexto social, pois o letramento surgiu para complementar à alfabetização, pois não basta apenas ler e escrever [...]. O letramento: “surgiu da palavra inglesa ‘literacy’ (letrado)”, pois além de ler e escrever é necessário utilizar a leitura e a escrita nas práticas sociais. Ainda, nos grifos da autora (p. 206) a pessoa letrada: “não é mais ‘só aquele que é versado em letras ou literaturas’, e sim ‘aquele que além de dominar a leitura e a escrita, faz uso competente e frequente de ambas”. O letramento é um conceito enraizado na alfabetização e por algumas vezes são confundidos. (ALMEIDA, 2014, p. 205-6)

Uma aprendizagem de qualidade exige que saibamos ler e escrever exercendo as diversas funções dentre elas: os aspectos sociais, um olhar crítico e um pensamento reflexivo. É fundamental que não se aceite a ideia de alfabetização como ato repetitivo e monótono, desta maneira, é concordar com a sociedade excludente, não permitindo a autonomia e a respectiva humanização imprescindível para que cada sujeito sinta-se um cidadão em plenitude. Soares, (2014) aponta que:

Alfabetização e letramento são, pois, processos distintos, de natureza essencialmente diferente; entretanto, são interdependentes e mesmo indissociáveis. A alfabetização - a aquisição da tecnologia da escrita – não precede nem é pré-requisito para o letramento, isto é, para a participação em práticas sociais de escrita, tanto assim que analfabetos podem ter um certo nível de letramento: não tendo adquirido a tecnologia da escrita, além disso, na concepção psicogenética de alfabetização que vigora atualmente, a tecnologia da escrita é aprendida não, como em concepções anteriores, com textos artificialmente para a aquisição das “técnicas” de leitura e de escrita, mas através de atividades de letramento, isto é, de leitura e produção de textos reais, de práticas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, *apud* RIBEIRO, 2014, p. 92)

A escola não é o único lugar em que se aprende, por esse motivo é importante que os alunos conheçam e trabalhem com diferentes gêneros

textuais, pois, todos nós sempre estamos em ambientes constantemente letrados. Essas atitudes auxiliam no ensino/aprendizagem, mas como educadores, é essencial que tenhamos comprometimento com o ser humano que pretendemos, queremos formar. Por meio de nossas práxis estará incutida a sociedade almejada. É fundamental aliar à nossa prática os ideais de transformação das desigualdades, a fim de que todos conquistem seus direitos de Educação, não apenas em acesso, mas em qualidade.

3. As concepções sobre alfabetização e letramento sob à luz de diferentes teóricos

De início, busca-se fazer a definição de alfabetização aparenta ser desnecessário, entretanto, é a partir daí que será possível o entendimento de outro termo presente no tema deste trabalho de pesquisa, o letramento. Ademais, no Dicionário Houaiss (2001), é possível encontrar três definições para o termo alfabetizar: 1. ato de ensinar a ler; 2. dar instrução primária a; e 3. aprender a ler por si mesmo. Com essa definição que se inicia a problemática pesquisada.

A autora Magda Soares esclarece que:

[...] alfabetização é o processo pelo qual se adquire o domínio de um código e das habilidades de utilizá-lo para ler e para escrever, ou seja: o domínio da tecnologia – do conjunto de técnicas – para exercer a arte e a ciência da escrita. [...] Ao exercício efetivo e competente da tecnologia da escrita denomina-se letramento. (SOARES, 2003, p. 91)

Para se falar em leitura literária, é preciso, inicialmente, falar de todos os fatores que não apenas mostram, mas também comprovam o quão importante é ser um indivíduo capaz de ler e interpretar textos e situações, ser capaz de poder exercer a cidadania em sua amplitude, sendo que tais só são possíveis através da habilidade e competência de ler, em sua integralidade.

Nesse mesmo sentido, Soares (2004, p. 17) diz que subjacente a esse conceito liberal, funcional do letramento, está a crença de que consequências extremamente positivas resultam, precisamente, dele. No entanto, para o funcionamento e a participação cabível à sociedade, resultando num sucesso pessoal, a partir do uso das habilidades de leitura e escrita, o letramento é acatado como o principal responsável em conduzir grandes resultados, como o desenvolvimento cognitivo e econômico, mobilidade social, progresso profissional e cidadania.

Saber ler e escrever possibilita o sujeito do seu próprio conhecimento, pois sabendo ler, ele se torna capaz de atuar sobre o acervo de conhecimento acumulado pela humanidade através da escrita e, desse modo, produzir, ele também, um conhecimento. (BARBOSA, 2013, p. 19)

Como afirma Barbosa (2013), as práticas pedagógicas são culturais, históricas e evoluem em função das relações sociais emergentes e do acervo de conhecimento disponível, acervo esse que permite a elaboração de uma nova teoria, capaz de justificar a nova prática necessária. Assim também aconteceu e acontecerá com a alfabetização. Seu entendimento sofreu transformações significativas ao longo do tempo, implicando em novas pesquisas, metodologias e redimensionamentos. E novos entendimentos entre a comunidade acadêmica e entre os professores alfabetizadores amparados pelos documentos legais.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) compreende que:

[...] alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. Para isso, é preciso conhecer as relações fono-ortográficas, isto é, as relações entre sons (fonemas) do português oral do Brasil em suas variedades e as letras (grafemas) do português brasileiro escrito. Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. (BRASIL, 2017, p. 90)

Existem muitas confusões nesse campo e elas são imensas, o autor evidencia que:

Primeiro, devemos distinguir entre letramento e alfabetização e escolarização. O letramento é um processo de aprendizagem social e histórica da leitura e da escrita em contextos informais e para uso utilitários, por isso é um conjunto de práticas, ou seja, letramentos, como bem disse Street (1995). Distribui-se em graus de domínio que vão de um patamar mínimo a um máximo. A alfabetização pode ser, como fato se deu historicamente, à margem da instituição escolar, mas é um aprendizado mediante ensino, e compreende o domínio ativo e sistemático das habilidades de ler e escrever. (MARCHUSCHI, 2010, p. 21)

Retomando o sentido de diferenciação, é favorável colocar um método a partir do qual o aluno obtenha habilidade e competência para ler e escrever, todavia para se encontrar letrado o indivíduo precisa saber onde e como usar as habilidades adquiridas. Para reafirmar o fato tome-

mos como base o que segue: retomemos a grande diferença entre *alfabetização* e *letramento* e entre *alfabetizado* e *letrado*:

[...] um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que saber ler e escrever, já o indivíduo letrado, indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita. (SOARES, 1998, p. 39-40)

A autora se faz clara ao explicar sobre os dois termos e deixa a noção sistêmica do que cada um deles representa tornado assim possível discutir o que se refere a cada processo no seu âmbito maior e que no presente trabalho trata-se de colocar a leitura em sala de aula como uma prática de letramento que venha ao encontro do objetivo.

O fenômeno do letramento, então, extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Pode-se afirmar que a escola, a mais importante das *agências de Letramento*, preocupa-se não como letramento prática social, mas com apenas o tipo de prática de letramento, a alfabetização, o processo de aquisição de códigos (alfabético, numérico) processo geralmente concebido em termos de uma competência *individual* necessária para o sucesso e promoção na escola. Já outras agências de letramento, como a família, a igreja, a rua como lugar de trabalho, mostram orientações de letramento muito diferentes (KLEIMAN, 2008, p. 20).

Voltando as concepções da Magda Soares (2003), “Letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto onde a escrita e a leitura tenham sentido e façam parte da vida do aluno”. Para tanto, cuidados serão necessários ao conduzir a alfabetização. De acordo com a autora apenas ensinar a ler e a escrever é insuficiente, alcançar níveis de alfabetização funcional onde as pessoas leem e escrevem e, no entanto, não são capazes de fazer uso desse conhecimento numa esfera social já deixou de ser processo de ensino aprendizagem afirmando no Diário da Escola em 23 de agosto de 2003 que: “(...) para a adaptação adequada ao ato de ler e escrever, é preciso compreender, inserir se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura”. O letramento compreende tanto a apropriação das técnicas para a alfabetização quanto esse aspecto de convívio e hábito de utilização da leitura e da escrita (SOARES, 2003).

Portanto, podemos constatar diferenças entre ensinar o código de escrita, sua codificação e decodificação, e nortear a prática docente em

instrumentalizar o aluno para se utilizar desse código em situações onde a leitura e a escrita sejam utilizadas de forma real e objetiva. Por isso é necessário que o professor saiba de fato essas diferenças de maneira clara e objetiva. Segundo o autor:

Até que a escrita chegasse ao grau de evolução a qual se encontra esta passou por várias transformações, no início quando era ideográfica, a escrita era por meio de signos que representavam uma idéia de quer estava sendo escrito e os nomes dos caracteres eram os nomes dos próprios objetos representados. Mas com o passar do tempo percebeu-se que para representar todas as coisas necessitaria de muitos caracteres e a escrita seria muito complicada, então, a partir daí surgem os caracteres que passaram a representar os sons das palavras ao invés dela inteira, esta escrita passou a ser fonética. (CAGLIARI, 2003, p. 20)

Nos dias atuais a leitura também pode ser feita de outras formas não sendo esta determinada pela presença de letras, frases ou palavras. Existem outros modos de se ler assim como existem outros objetos de leitura como a leitura de mundo citada por Paulo Freire em que este diz ser importante “aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não na mecânica de palavras, mas numa relação de sentidos entre linguagem e realidade” (FREIRE, 1989, p. 26).

Para o autor Martins:

[...] a leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação; desenvolvido de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1983, p. 32-3)

Nesse sentido, a leitura de certa forma se expressa de várias maneiras como a leitura de mundo apontado por Freire (1989) ou pelas gravuras apresentadas nos livros infantis podendo assim interpretar as ideias que estes pretendem passar.

De tal modo, os partidários que defendem essa versão “revolucionária” das relações entre o letramento e a sociedade, alegam que os resultados/consequências do letramento são considerados como algo desejável e de caráter totalmente benéfico apenas por aqueles que aceitam como justa e igualitária a natureza e estrutura do contexto social específico no qual ele ocorre. Quando isso não ocorre, isto é, tanto a natureza quanto a estrutura das práticas sociais são indagadas, o letramento é tido como

uma ferramenta ideológica, utilizada com o fito de conservar as práticas e relações sociais correntes, tornando as pessoas acomodadas às condições vigentes.

Acentuando a vinculação de uma didática reflexiva, preocupada com as concepções de como o aprendiz constrói a noção do sistema de notação alfabético. Toma-se como apoio os três volumes de Didática da alfabetização, de Esther Pillar Grossi. E a partir de suas considerações, faremos algumas reflexões a respeito dos desafios cognitivos, considerando os níveis: a) pré-silábico; b) silábico e c) alfabético e os intermediários pela autora demonstrados.

Emília Ferreiro define quatro níveis na psicogênese da alfabetização, a saber: pré-silábico, silábico, silábico-alfabético e alfabético. Com base em nossa prática, preferimos considerar três níveis principais e dois níveis intermediários, entendendo por nível intermediário certos momentos precisos do processo que se caracterizam pela evidência de contradição de condutas do sujeito, as quais perdem a estabilidade do nível anterior e ainda não se organizam de acordo com o nível seguinte. São os momentos privilegiados, mas difíceis, de desequilíbrios e conflito, que só são superados por uma nova organização dos elementos em jogo, numa estrutura qualitativamente superior à anterior. Didaticamente, os níveis intermediários constituem momentos-chave do processo de aprendizagem. É quando o aluno percebe que seus esquemas são incapazes de fazer frente ao conjunto de problemas que ele é capaz de se formular nesse momento. Via de regra, os alunos têm tendência a abandonar a arena do seu conflito por um certo tempo, porque lhes é penoso dar-se conta dessa lacuna cognitiva. (GROSSI, p. 55-6, 1990)

Paulo Freire é considerado um dos educadores pioneiros a relevar esse poder “revolucionário” do letramento ao afirmar que:

Ser alfabetizado é tornar-se capaz de usar a leitura e a escrita como um meio de tomar consciência da realidade e de transformá-la. Sendo o papel do letramento ou de libertação do homem ou de sua “domesticação”, dependendo do contexto ideológico em que ocorre, na qual sua natureza é de caráter inerentemente político, onde seu principal objetivo deveria ser o de promover a mudança social. (FREIRE, 1976)

A consolidação da alfabetização acontecerá quando esta for associada ao letramento: aprender a fazer e finalmente fazer o que aprendeu, pois a alfabetização é o aprendizado da leitura e da escrita e o letramento a prática cotidiana desse processo, e esses conhecimentos precisam estar bem claros para os professores.

O próximo tópico, o trabalho abordará as concepções sobre o letramento na Educação dos Jovens e Adultos.

3.1. As concepções sobre o letramento na Educação Jovens e Adultos

Neste tópico busca-se apresentar as concepções de letramentos na vida cotidiana dos adultos. Engana-se quem atribui o termo letramento somente à alfabetização inicial da vida escolar, pois esse processo acontece ao longo da vida das pessoas e nas diferentes áreas. Letramento significa relacionar o código da língua com a vida social. Não basta ler, mas por meio da leitura aplicar o que entendeu no cotidiano.

Sendo assim, os autores afirmam que a prática de leitura e a compreensão da mídia escrita tem se tornado cada vez mais importante, o que exigem não só a alfabetização dos sujeitos como também seu letramento, haja vista que, último significa muito mais do que saber ler e escrever significa compreender o mundo. (JUSTO; RÚBIO, 2013)

O fato é que, cidadãos letrados possuem maiores possibilidades de compreenderem conceitos assim como se capacitarem em uma maior autonomia de leitura (BRASIL, 2007) e exercer a criticidade quanto a informações que lhe são veiculadas.

Dessa forma, percebemos que há necessidade de que o aluno seja um bom leitor no mundo globalizado de hoje. Como Martins (1983) explica que “(...) ler não é apenas unir as palavras, é também ser crítico, questionador, ter opinião sobre algo é, sobretudo, interagir com o mundo”.

Acredita-se que é dever da escola, do professor, e da família despertar o interesse pela leitura no aluno para que ele se torne um sujeito crítico, construtivo e criativo. “A leitura deve ser fonte de prazer, não deve ser obrigatória nem imposta pelo adulto. O professor não deve pôr o interesse dos alunos em relação à leitura, deve sim permitir que o aluno selecione os livros de acordo com seus autênticos interesses” (MARTINS, 1983).

Dentro desta perspectiva a autora Lêda Tfouni argumenta que estudos sobre o letramento:

[...] não se restringe somente àquelas pessoas que adquiriram a escrita, isto é, aos alfabetizados. Buscam investigar também as conseqüências da ausência da escrita a nível individual, mas sempre remetendo ao social mais amplo, isto é, procurando, entre outras coisas, ver quais características da estrutura social tem relação com os fatos. Pois, a ausência tanto quanto a presença da escrita em uma sociedade são fatores importantes que atuam ao mesmo tempo como causa e conseqüência de transforma-

ções sociais, culturais e psicológicas às vezes radicais. (TFOUNI, 2006, p. 21)

Val (2006), no que diz respeito à alfabetização, pontua que pode ser definida como sendo um:

[...] processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilitem ao aluno ler e escrever com autonomia. Noutras palavras, alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado “código” escrito, que se organiza em torno de relações entre a pauta sonora da fala e as letras (e outras convenções) usadas para representá-la, a pauta, na escrita. (VAL, 2006, p. 19)

Em contrapartida, o letramento, conforme apontam os autores Soares e Batista (2005, p. 34) conceitua-se como sendo “o conjunto de conhecimentos, atitudes e capacidades envolvidos no uso da língua em práticas social e necessário para uma participação ativa e competente na cultura escrita”.

No processo de ensino e aprendizagem a leitura se transforma no carro chefe de todas as disciplinas e assim sendo, esta, mesmo que não seja intencionalmente, interage na condição de interdisciplinaridade com as outras matérias, tendo em vista que, é meio da leitura que se tem acesso a vários tipos de informações e sendo assim essa deve ser trabalhada nas escolas, em todas as disciplinas e com o mesmo nível de interesse, independente da área de atuação para romper de vez com o abismo existente entre as disciplinas e, conforme MEC (1999): “promover a colaboração, complementaridade e integração entre os conteúdos das diversas áreas do conhecimento presentes nas propostas curriculares das escolas brasileiras de ensino fundamental e médio” (BRASIL, 2002, p. 18).

Tal fato se deve pelo motivo de que, quando se consulta os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa se pretende:

[...] formar um leitor competente, supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto [...] (BRASIL, 1997, p. 54)

E assim, o indivíduo precisa estar inteirado com a leitura em seus diversos contextos de seu cotidiano e daí sua importância de estar associada às múltiplas áreas do conhecimento humano aplicado nas escolas comprovando sua importância no processo de ensino e aprendizagem.

Todavia, é por este ângulo que podemos afirmar que segundo os

Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa que:

[...] uma prática constante de leitura na escola deve admitir 'leituras'. Pois outra concepção que deve ser superada é o mito da interpretação única, fruto do pressuposto de que o significado está no texto. O significado, no entanto, constrói-se pelo esforço de interpretação do leitor, a partir não só do que está escrito, mas do conhecimento que traz para o texto. Necessário que o professor tente compreender o que há por trás dos diferentes sentidos atribuídos pelos alunos aos textos; às vezes é porque o autor intencionalmente 'jogou com as palavras' para provocar interpretações múltiplas; às vezes é porque o texto é difícil ou confuso; às vezes é porque o leitor tem pouco conhecimento sobre o assunto tratado e, a despeito do seu esforço, compreende mal. (BRASIL, 1997, p. 71)

A sociedade contemporânea necessita de se apropriar de diferentes conceitos, de diferentes saberes, para que possam exercer suas práticas cotidianas profissionais, de maneira mais clara e objetiva, em busca da melhoria do seu fazer pedagógico.

Portanto, há necessidade dos profissionais da educação se apropriarem de conceitos necessários relativos a cada profissão, para que possam atender as novas demandas da sociedade a qual todos estão inseridos.

4. Considerações finais

A partir da literatura e dos estudos dos conceitos e das diferentes considerações dos autores, pode-se ressaltar que o professor alfabetizador deve ser um eterno pesquisador, um estudioso para exercer o magistério.

Os objetivos da pesquisa foram alcançados devido às reflexões dos autores e as referências da legislação vigente, buscando elucidar diferentes conceitos para a comunidade acadêmica e para os professores em exercício.

Portanto, considera-se que o profissional alfabetizador, por mais conhecimento que possua, necessite cada vez mais de formações continuadas para que possa realizar este processo de alfabetização de forma cada vez mais prazerosa, gratificante, com metodologias que busquem um ensino e a construção do saber de forma profunda, pois o alfabetizador, precisa se especializar, conhecer, estudar para tornar a criança e o adulto ao mundo da sociedade letrada de uma forma que esta consiga interagir e compreender o lugar onde está inserido, os caminhos alcançados, enfim conhecer o mundo.

Tanto a alfabetização quanto o letramento são processos contínuos, que devem ser compreendidos pela equipe pedagógica para que se realize um trabalho consciente entre quem estuda e quem aprende.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, V. F.; FARAGO, A. C. A importância do letramento nas séries iniciais, *Cadernos de Educação: Ensino e Sociedade*, Bebedouro, São Paulo, 2014. Disponível em: <http://unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/cadernodeeducacao/sumario/31/04042014074426.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

BARBOSA, J. J. *Alfabetização e leitura*. São Paulo: Cortez, 2003.

BRASIL. *Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil*. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf. Acesso em: 14 out. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Apoio à Gestão Educacional. *Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa: Currículo na alfabetização: concepções e princípios: ano 1: unidade 1* /Ministério da Educação. Brasília: MEC, SEB, 2012. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/obeducpacto/files/2019/08/Unidade-1.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa*/Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: 1. Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. Língua portuguesa: Ensino de primeira à quarta série. I. Título. Disponível em: <https://www.cpt.com.br/pcn/parametros-curriculares-nacionais-lingua-portuguesa>. Acessado em: 14 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação Secretaria de Educação Básica. *Pró Letramento: Alfabetização e Linguagem*. Brasília-DF, 2007. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=6002-fasciculo-port&category_slug=julho-2010-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 14 out. 2020.

CAGLIARI, L. C. *Alfabetização e Linguística*. 8. ed. São Paulo: Scipione, 2003.

- CARVALHO, M. A. F (Org.). *Práticas de leitura e escrita*. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006.
- CRAMER, E.; CASTLE, M. *Incentivando o amor pela leitura*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- FREIRE, P. *A importância do Ato de Ler*. Rio de Janeiro: Cortez, 1989.
- _____. *Ação cultural para a liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 1999.
- GROSSI, E. P. *Didática do nível pré-silábico*. v. 1, São Paulo, 1990. p. 55-6
- HOUAISS, A. *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- JUSTO, M. A. P. S.; RUBIO; SILVEIRA, J. A. Letramento: O uso da leitura e da escrita como prática social. *Revista Eletrônica Saberes da Educação*, v. 4. n. 1, 2013.
- KLEIMAN, A. B. *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. São Paulo: Mercado das Letras, 2008.
- MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2000.
- MARTINS, M. H. *O que é leitura*. 17. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SANTOS, C. F. *Alfabetização e letramento: conceitos e relações*. Organizado por Carmi Ferraz Santos e Márcia Mendonça. 1. ed., 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.
- SOARES, M; BATISTA, Antônio. *Alfabetização e letramento: caderno do professor*. Belo Horizonte: Ceale/FaE/UFGM, 2005.
- _____. *Letramento e alfabetização: as muitas facetas*. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. Minas Gerais, 2004. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 14 out. 2020.
- _____. *Linguagem e escola: uma perspectiva social*. São Paulo: Ática, 2014.

_____. *Alfabetização*: ressignificação do conceito. *Alfabetização e Cidadania*, n. 16, p. 9-17, 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 10 de out. 2019.

SOARES, M. *Letramento*: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n25/n25a01.pdf>. Acesso em: 12 de out. 2019.

TFOUNI, L. V. *Letramento e Alfabetização*. 8. ed., v. 47. São Paulo: Cortez, 2006. (Coleção Questões da Nossa Época)

VAL, M. G. C. O que é ser alfabetizado e letrado? In: CARVALHO, Maria Angélica Freire de (Org.). *Práticas de Leitura e Escrita*. 1. ed. Brasília: Ministério da Educação, 2006. Disponível em: <http://www.plataformadoletramento.org.br/acervo-para-aprofundar/250/o-que-e-ser-alfabetizado-e-letrado.html>. Acesso em: 10 de out. 2019.